

REDES SOCIAIS INFORMAIS NO COTIDIANO DE UMA COMUNIDADE DA PERIFERIA DE FORTALEZA*

[Informal social networks in a community daily life of fortaleza outskirts]

[Redes sociales informales en la cotidianidad de una comunidad de la periferia de fortaleza]

Fátima Luna Pinheiro Landim**, Juliana de Lima Comaru***, Rafael Barreto de Mesquita****
Patrícia Moreira Collares*****

RESUMO: As redes de suporte sociais não necessariamente são estruturadas como sistemas benéficos, estas podem, também, configurar-se como redes malélicas. Estudo descritivo com objetivo de descrever processo e conjuntura de formação das redes sociais informais de uma comunidade e os mecanismos pelos quais estas se configuram como benéficas ou malélicas. Foi desenvolvido de abril de 2003 a março de 2004. Os informantes foram 12 representantes das famílias e a coleta de dados foi realizada por meio da observação participante e da entrevista, concomitantemente às análises. Evidenciaram-se duas modalidades de redes informais: a rede de líderes comunitários, exemplo de rede benéfica; e a rede de gangues como rede malélica. A rede de líderes assume papéis sociais diversos, desde apaziguar desentendimentos familiares, até a administração de problemas que digam respeito à sobrevivência da comunidade. De outro lado a rede de gangues evidencia-se, principalmente, pelo seu potencial auto-destrutivo.

PALAVRAS-CHAVE: Apoio social; Saúde comunitária; Análise de rede.

ABSTRACT: The social support networks are not necessarily structured as beneficial systems, they can also represent harmful networks too. This is a descriptive article which aims to describe the building and contextual process of the informal social networks in a community and the ways these networks can evolve as beneficial or harmful. It was carried out from April 2003 to March 2004. The informants were 12 family representatives and the data collection was held through participant observation and interview, the analyses occurring altogether. It has been evidenced two kinds of informal social networks: the communitarian leaders' network as example of beneficial network, and the teen gangs' network, as harmful network. The leaders' network assumes many social roles, from straightening out families' misunderstandings to coping with problems concerning the community survival. On the other end, the gangs' network stand out mainly by their self-destructive potential.

KEYWORDS: Social support; Community health; Network analysis.

RESUMEN: Las redes de soporte social no necesariamente están estructuradas como sistemas benéficos, ya que pueden también configurarse como redes malélicas. Se trata de un estudio descriptivo con el objetivo de relatar el proceso y coyuntura de formación de las redes sociales informales de una comunidad y los mecanismos por los cuales éstas se configuran como benéficas o malélicas. Fue desarrollado de abril de 2003 a marzo de 2004. Los informantes fueron 12 representantes de las familias y la colecta de datos fue realizada por medio de observación participante y entrevista, de forma concomitante a los análisis. Se evidenciaron dos modalidades de redes informales: la red de líderes comunitarios – ejemplo de red benéfica – y la red de pandillas, como red malélica. La red de líderes asume papeles sociales diversos, desde apaciguar rencillas familiares hasta la administración de problemas relacionados a la sobrevivencia de la comunidad. Por otro lado, la red de pandillas se caracteriza principalmente por su potencial autodestructivo.

PALABRAS CLAVE: Apoyo social; Salud comunitaria; Análisis de red.

*Esse artigo teve origem no projeto de pesquisa denominado: Descobrimo as redes de suporte social: por uma ética da solidariedade na educação em saúde. O projeto foi financiado pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

**Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Professora adjunto 6 do Mestrado em Educação em Saúde da Universidade de Fortaleza - UNIFOR.

***Enfermeira graduada pela Universidade de Fortaleza, ex-bolsista FUNCAP.

****Acadêmico do quinto semestre do curso de Fisioterapia da UNIFOR. Bolsista PIBIC-CNPq. Membro do grupo temático de pesquisas Redes de Suportes Sociais e Saúde de Grupos.

*****Acadêmica do sétimo semestre do curso de Fisioterapia da UNIFOR. Ex-bolsista PROBIC/FEQ. Membro do grupo temático de pesquisas Redes de Suportes Sociais e Saúde de Grupos.

Autor correspondente:
Fátima Luna Pinheiro Landim
R. César Fontenele, 390 – 60455-650 – Fortaleza - CE
E-mail: llunna@terra.com.br

Recebido em: 29/12/05
Aprovado em: 26/06/06

1 INTRODUÇÃO

Uma consulta aos estudos que abordam as redes informais de relacionamentos pessoais permite compreender o papel fundamental destas em proporcionar suporte social que favoreça a saúde e ao bem estar ^(1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9).

O efeito geral do suporte social decorre da integração entre indivíduos, isto é, das redes de pessoas significativas que cada um constrói em torno de si, proporcionando trocas positivas entre os seus integrantes ⁽¹⁰⁾. A diferença que se deve considerar entre rede social e suporte social é de mera definição: enquanto que a primeira pode ser definida como um conjunto de relacionamentos de um indivíduo, a segunda enfoca o significado ou função de cada um dos indivíduos dentro do relacionamento ⁽¹¹⁾.

De um modo geral, descreve-se o suporte social como constituindo em si uma rede de obrigações mútuas ^(12, 13, 4, 14, 15). Na realidade das comunidades, essa rede configura sistema capaz de fortalecer os atores sociais, que se reúnem e organizam em torno de interesses comuns, na defesa de suas causas, na implementação de seus projetos e na promoção da sua comunidade.

Dentro dessa compreensão, desenvolveu-se o conceito de rede social que se aplica à realidade da assistência comunitária como tendo origem nas relações entre pessoas, algumas das quais podem proporcionar formas mais verdadeiramente preventivas de assistência no plano da informalidade que, sendo eficazes, excluem a necessidade de assistência formal ou de tratamentos convencionados pela biomedicina ⁽¹⁶⁾.

Entretanto, nem sempre é assim. Do mesmo modo que já se vem detectando efeitos negativos dos suportes sociais ^(17, 18), as redes sociais não necessariamente são estruturadas como sistemas benéficos, mas, a depender de sua natureza e composição, também podem configurar redes destrutivas ou redes inócuas ^(19, 20, 21).

É precisamente pelo fato de as redes sociais não serem necessariamente um sistema social de apoio que são importantes os estudos voltados para conhecer e intervir, se necessário, nas redes estabelecidas.

Estudos voltados para pessoas que tentaram o suicídio defendem a necessidade de investigações a respeito dos aspectos positivos, tanto quanto dos aspectos mórbidos da rede informal de suporte social, como extremamente relevantes para o desenvolvimento de políticas e programas de saúde nesse campo ⁽²⁰⁾. Reportando-se à realidade das comunidades, quais são os mecanismos pelos quais as redes locais se configuram e determinam padrões de morbidade? Abordando questões como esta, a produção científica na área das redes informais de suporte social pode contribuir para definir modos de desenvolvimento do potencial positivo dessa tecnologia de intervenção em comunidade.

O objetivo desse artigo é descrever processo e conjuntura em que se dá a formação das redes sociais

informais no interior de uma comunidade, bem como os mecanismos pelos quais se configuram como redes benéficas ou maléficas.

2 METODOLOGIA

Estudo descritivo realizado em uma comunidade da periferia da cidade de Fortaleza, Ceará, Brasil no período de abril de 2003 a março de 2004.

Os dados foram coletados por meio da observação livre na comunidade, durante participações em momentos de festividades e durante reuniões em associações de moradores. Essa modalidade participativa de coleta de dados permitiu ainda validar relatos de entrevistas, na medida em que se podia constatar o contexto sócio-cultural local, presenciar as cenas e os acontecimentos do cotidiano envolvendo as pessoas da comunidade.

A entrevista individual foi utilizada com o objetivo de complementação dos dados. A técnica foi aplicada a partir da seguinte questão norteadora: O que mobiliza as ações em grupo, e como essas ações repercutem dentro da comunidade? Participaram da entrevista 12 representantes de famílias, dentre aqueles que se encontravam envolvidos na organização das festividades, ou aqueles mobilizados em torno de lideranças comunitárias que atuavam localmente. Os agendamentos das entrevistas deram-se considerando data e hora de disponibilidade do informante, e a identificação de espaço neutro (livre das imposições do poder político local). A maioria das entrevistas foi realizada nos próprios domicílios dos entrevistados.

Os dados obtidos foram agrupados em função dos seguintes temas: Conjuntura sócio-espacial e política em que a comunidade se manifesta; Descobrimo as redes sociais informais. Este último tema encontra-se subdividido em: Rede de líderes informais como exemplo de rede benéfica de suporte social; Rede de gangues de adolescentes como exemplo de rede maléfica de suporte social.

As análises e reflexões acerca dos dados foram sendo realizadas na medida em que se dava o levantamento (as descobertas), estando as inferências apoiadas nos referenciais das redes sociais.

O componente ético está presente em todas as fases da pesquisa como preconiza os preceitos éticos de pesquisa envolvendo seres humanos, de acordo com a Resolução 196/96, a qual requer, dentre outros aspectos, consentimento livre e informado dos participantes, pleno acesso aos objetivos do estudo, a garantia do anonimato dos envolvidos e o compromisso de não utilizar os resultados para objetivos contrários ao estudo. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade de Fortaleza no dia 21 de agosto do ano de 2002.

3 RESULTADOS

3.1 CONJUNTURA SÓCIO-ESPACIAL E POLÍTICA EM QUE A COMUNIDADE SE MANIFESTA

A comunidade investigada tem localização privilegiada, estando muito próxima de uma das maiores e mais movimentadas avenidas da cidade de Fortaleza. Ocupa espaço extremamente valorizado pela especulação imobiliária e, somado a isso, é avizinhada e assistida diariamente por importante Universidade através dos estágios comunitários realizados por acadêmicos dos mais diferentes cursos, que utilizam esse espaço como um grande laboratório vivo, ao mesmo tempo em que prestam grandes serviços às famílias da comunidade ⁽¹³⁾.

Todo esse contexto aparentemente privilegiado contrasta com a miséria e o sofrimento da população. Erguida em um manguezal que sofreu aterramentos para o propósito de construção de habitações, a comunidade lembra a dinâmica de funcionamento das mais de 400 favelas atualmente existentes na área metropolitana de Fortaleza ⁽²²⁾. Crescendo e se transformando diariamente, configura na atualidade uma das maiores comunidades locais dentre as que tiveram origem nos movimentos de invasão, contando com quase duas mil famílias habitantes, cerca de nove mil e quinhentas pessoas; números estes revistos diariamente com a chegada de novas famílias para instalar-se no local ⁽²³⁾.

A comunidade encontra-se demarcada em seus espaços funcionais, de modo que são reconhecidas três distintas áreas: Dendê, Água Fria (ou Édson Queiroz) e Baixada do Aratú (ou Vila Chico Mendes). Essa subdivisão decorre de uma divergência político-geográfico que fica muito evidenciada nos discursos:

“Eu chamo de Água Fria, não chamo de Edson Queiroz, por questões políticas e pessoais...” (IGS, 23.09.2003).

“Não tinham moradia, aí ocuparam. A parte ocupada pelos ‘sem terra’ tem o codinome Vila Chico Mendes, é uma homenagem...” (JC, 23.09.2003).

“Sabe porque o nome Água Fria? Antigamente eram grandes sítios. Muitos cajueiros, mangueiras, um clima frio e a água fria, por isso se chama Água Fria. Aí, lá no fundo eles chamam de Dendê, e tem os favelados, os sem terra da Vila Chico Mendes, que ocuparam terrenos e construíram os barracos” (MJF, 05.10.2003).

Os dados sugerem que a divisão sócio-espacial reflete não só divergências políticas, como também se trata do retrato de um grupo que cresceu o bastante para produzir líderes e agregar valores tão peculiares, que na medida em que outros grupos necessitaram dividir esse espaço territorial tiveram que fazer por meio de nova conquista,

fazendo valer seus interesses e impondo sua dinâmica particular de convivência em comunidade. Essa dinâmica também se responsabiliza pelas diferenças percebidas e relatadas pelos informantes, muito embora apresentem relações cotidianas tão intrincadas que a maioria de seus moradores quase não consegue distinguir onde exatamente termina uma área de domínio e começa a outra.

As grandes questões de divisão são temas, todavia, dos debates promovidos pelas lideranças, sejam estas de fato ou de direito. Fenômeno que se verifica com certa facilidade dentro da comunidade é a aclamação de líderes. Um entrevistado se expressa:

“Basta alguém discordar do líder, sabe, que pode abrir uma associação. No Dendê existem 7 líderes, 7 associações, só funciona uma” (TMP, 05.10.2003).

Deste fenômeno é que têm origem as subdivisões políticas-territoriais identificadas na comunidade. Cada um dos espaços corresponderá, de fato, a extensão simbolicamente demarcada para os líderes atuarem com certa segurança e independência. Por fim, o que se verifica como subdivisões de áreas não passam de espaços em que são travadas verdadeiras tramas de micropoderes ⁽²⁴⁾.

Nesse contexto é que as condições de vida vão gerar status para os que habitam a comunidade. Possuir casa de alvenaria, emprego e condições de vida mais favorecida, pode vir a ser motivo para as famílias discriminarem aquelas que ainda não os possuem. Embora quase todas as famílias da área tenham histórias iniciadas na ocupação clandestina do terreno, estas costumam referir medo e atribuir à “presença da favela” os altos índices de violência e vandalismo. A favela, para a área mais privilegiada da comunidade, configura espaço mais recentemente ocupado por barracos. Um entrevistado esclarece:

“No Dendê não tem isso (violência, vandalismo), porque lá todo mundo já tem terreno próprio, ninguém briga por moradia, as pessoas vivem relativamente bem, tem sua casa própria, sua água, luz, tem comida, tem emprego. Então há uma certa divisão com o pessoal da favela (...). Há uma discriminação” (JC, 23.09.2003).

Ainda existe discriminação maior em relação àquelas famílias que, não tendo opção de espaço, passaram a aterrar a área de preservação do mangue e construir nelas barracos para morar. É assim que morador da área descreve o local:

“Aqui tem a baixada. Como o nome tá dizendo é uma baixada, ela está abaixo da favela, tá dentro do mangue. Então o pessoal sofre de tudo. Primeiro, discriminação, porque é “baixada”, não tem emprego, não tem saúde, não tem casa. Na baixada ainda tem muita casa de madeira.

No inverno a água sobe. Porque é baixa. Entendeu? E é dentro do mangue” (RCM, 05.10.2003).

Declara-se ser essas áreas demarcadas não só pelas diferenças sociais, mas constatou-se haver grande disputa entre os líderes o que acirra a rivalidade entre seus liderados. Um exemplo de fala esclarecedora desse fenômeno é apresentada a seguir:

“Então o que é que acontece: as pessoas estão divididas, porque a associação aqui tem outro interesse. Lá nos sem-terra tem um interesse e aqui tem outro interesse. E dentro desse grupo aqui, você pode ver unido, é fulano, cicrano, unido na aparência, mas cada um tem interesse diferente. Aqui também tem uma divisão” (TMP, 05.10.2003).

3.2 DESCOBRINDO AS REDES SOCIAIS INFORMAIS

Constatou-se que a comunidade encontra-se organizada em inúmeras redes de apoio mútuo, dependendo destas para seguir crescendo e acumulando conquistas no campo dos direitos sociais ⁽²⁾.

Da modalidade de organização em rede demanda as maiores conquistas, fenômeno descrito pelos informantes como alicerçado na solidariedade dos comunitários. É o que revela a fala a seguir:

“Tudo isso aqui que você está vendo só foi possível por causa da solidariedade do povo, que é grande. Até quando foi pra construir os primeiros barracos, todo mundo se juntou e fez. Agora quando a gente quer água encanada, se junta; quando quer que passe ônibus coletivo por dentro da comunidade, caminhão de lixo (...) tudo a gente se junta pra lutar” (MA, 16.12.2003).

Em muitas das redes consta-se o potencial para a resolução de problemas, como é o caso da rede de líderes inatos que atuam na comunidade. Essa rede encontra-se caracterizada pelas inúmeras interações identificadas, e caracterização destas como apoio social. Em outras palavras, em função destas redes naturalmente operando dentro da comunidade detectou-se conjunto de ações direcionadas à resolução de problemas familiar e comunitário. Uma das atuações mais significativa na atualidade da comunidade, desempenhada pela rede de líderes, foi referida pelos informantes como se tratando das ações que visam barrar a violência na comunidade:

“Graças ao pessoal da associação, isso aqui tá ficando mais calmo (referindo-se à Comunidade). Eles pegam aqueles juvenzinhos que não tem nada pra fazer, só ficar na rua fazendo o mal feito, e botam num curso, ou então junta eles pra dá conselho (...) isso tem sido bom pra nós” (JPM, 16.12.2003).

Destaque-se que o reconhecimento das redes de suporte social que têm origem na solidariedade dos que constituem a comunidade têm enorme significado para os profissionais de saúde que necessitam conviver com as problemáticas (inclusive a problemática da violência e agressão que chegam até o serviço) que emergem dessa comunidade, oferecendo soluções em acordo com a complexidade dessas problemáticas.

Como atividade desenvolvida em rede relata-se que os líderes tomaram a iniciativa de se reunir, passando a identificar, junto às famílias da comunidade, as principais gangues que ali atuavam, bem como seus participantes e formas de atuação.

De posse das informações necessárias, deu-se início a série de medidas e de negociações que envolviam participação de toda comunidade e elementos da rede formal de assistência social. Dentre os objetivos estabelecidos pelos líderes, estava a promoção de encontros entre jovens participantes das variadas gangues ditas “rivais”, trabalhando a conscientização destes para pacificação através da desmistificação de superioridades; crença levada à prova através das estratégias de delimitação das áreas de dominância. Quanto maior a área de domínio, maior a demonstração de poder da gangue. Um líder expressa assim sua participação:

“Não interessa se é a baixada, ou o Dendê (...) o que nos interessa é promover o encontro dos jovens gangueiros, para que eles possam pensar no significado de toda essa violência; aonde é que eles querem chegar com tudo isso; saber porque que eles entraram nessa e se eles querem sair” (MA, 16.12.2003).

Na prática da rede de líderes destaca-se ainda a procura por inserção do jovem em grupos cuja filosofia é pacificadora, como servem de exemplo os grupos de hip-hop, capoeiras, grupos de jovens evangélicos etc. Para trazer tais grupos a atuarem na comunidade os líderes utilizam não só os suportes naturais de que dispõem, mas também se articulam à rede formal, contactando e trazendo para ampliar sua própria rede, representantes de entidades filantrópicas e institucionais que se voltam para o bem-estar das comunidades.

Até o término dessa pesquisa não se pôde constatar o grau de êxito da rede de líderes em relação ao fenômeno das gangues. Adianta-se, todavia, que o diálogo esperado estava acontecendo e tem evidências em relatos dados por participantes de gangues locais aos líderes, em que eles se colocam como jovens interessados “em promover a paz”. Um adolescente integrante de gangue escreveu durante uma dinâmica promovida pelas lideranças:

“Nós lutamos pela paz. Porque não há paz sem guerra e não há guerrilheiro que não queira a paz. Acontece que

não dão chance à paz. Por isso a guerra não para" (ESC, 14.12.2003).

Considerando pressupostos do referencial das redes sociais, considera-se ter constatado, por meio dos dados coletados, exemplos de redes benéficas e também malélicas, que atuam concomitantemente na comunidade. Acerca de peculiaridades dessas redes passamos a dissertar nos capítulos a seguir.

3.2.1 Rede de Líderes Informais como Exemplo de Rede Benéfica de Suporte Social

Constatou-se existir verdadeira rede de líderes atuando dentro da comunidade. Esses líderes assumem papéis sociais diversos; do apaziguador dos desentendimentos entre vizinhos até os problemas mais estruturais e sérios que digam respeito à tranquilidade e sobrevivência da comunidade, como se verifica na fala:

"A gente age naquilo que a família não consegue. Às vezes é uma rampa de lixo que querem fazer aqui na comunidade, só porque essa área é mais abandonada (...) aí a gente tem conhecimento de algum vereador, vai procurar e resolve. Outras vezes é divisão mesmo dentro do grupo de trabalho. Um vizinho não gosta do outro aí, quando a gente escala, eles não querem entrar nas equipes que a gente monta (...) a gente tenta que eles façam as pazes, para o serviço sair. Às vezes é até para consertar os barracos deles mesmos..." (AJC, 08.01.2004).

Na rede, os líderes funcionam como "nós", identificando problemas e disponibilizando-se para, em nome da comunidade, mobilizar recursos e desenvolver estratégias de resolução. Não necessariamente esses líderes são eleitos em pleitos oficiais, podendo ser figuras que ganham apoio e respeito das famílias, processo que vai legitimá-los como representantes. Mais de uma dezena de líderes foi identificada, todos se enquadrando nessa descrição.

São os líderes da comunidade investigada, mulheres e homens. Alguns adultos (entre 40 e 60 anos), outros ainda bem jovens (entre 20 e 30 anos). Expressam-se com certa facilidade, colocando seus posicionamentos com denotada politização, apesar do pouco grau de instrução formal - primeiro grau incompleto, na maioria dos casos identificados. Conhecem quase todas as famílias e com elas mantêm relacionamento de confiança mútua. Sabem dos principais problemas enfrentados pela comunidade. Muitos deles acompanharam, com suas famílias, essa mesma comunidade durante muitas das fases de sua implantação. Podem, de fato, falar dela (da comunidade) com conhecimento de causa. Residem com seus familiares no seu interior e vivenciam seu cotidiano, sofrendo, como todo o resto do grupo, das mesmas carências e dificuldades.

Devida atuação destes, é que toda a área anteriormente tomada de invasão foi sendo gradativamente transformada, até ganhar o status de comunidade com direitos socialmente reconhecidos.

Questionados, esses líderes declaram não tomar a posição de líder como função ou cargo; privilégio que eles consideram reservado ao líder de direito, eleito e reconhecido formalmente. Quando falam do que fazem referem tratar-se de "uma missão". É o que comprova o pronunciamento de um dos líderes entrevistado:

"Isso é uma missão que todos nós temos. É porque a gente se importa com as outras pessoas, quer vê a nossa comunidade crescer. Se nós não fizer isso ninguém vem aqui prá dentro fazer não" (AJC, 08.01.2004).

Para agir, ficou constatado que os líderes consideram a confiança depositada pelas famílias em sua capacidade como o reconhecimento pelos serviços que prestam à comunidade. Quanto a esses serviços, guardam o grau de complexidade característico à situação enfrentada ou às possibilidades de quem os executa. Coletou-se relatos de ações que vão da ajuda dada a uma família para remoção de sua mobília durante uma situação de invasão do barraco por águas das fortes chuvas de inverno, até a consecução, junto aos órgãos competentes, de projetos de mutirão para reconstrução das casas que desabaram sob essa mesma ameaça.

No seu geral, a rede de líderes da comunidade estudada tem configuração estreita. Na linguagem das redes, estreita diz respeito ao fato de seus participantes, na maioria, se conhecerem e se encontrarem com certa frequência⁽²⁵⁾.

A característica de rede com configuração estreita propicia a que se apoiem em seus projetos, o que ajuda a conectar as famílias da comunidade, de maneira a que todos se envolvam nas ações. Não há, desta forma, aqueles que só ajudam e os que só se beneficiam dessa ajuda. A relação é de reciprocidade. A esse processo de simbiose, Maffesoli⁽²⁶⁾ denominou "solidariedade orgânica"; por entender ser natural, quase orgânica, a necessidade de as pessoas se ajudarem em situações difíceis.

Mesmo quando não se conhecem ou mantêm relações amigáveis entre si (o que foi verificado como condição também existente dentro da rede), constituem os líderes, nós de extrema força política e de resolutividade, quando somadas às ações executadas individualmente. Esse fato é devido a se somarem às ações que concorrem diretamente para gerar um benefício, ou favorece a atividade dos demais componentes da rede que já venham se empenhando no sentido da consecução do mesmo benefício, de modo que o produto vai beneficiar a todos.

Destaque-se que as famílias da comunidade demonstram responder às intervenções dos líderes com credibilidade. Um representante de família declara:

“A gente confia muito na força que os nossos líderes têm” (FES, 09.01.2004).

Essa peculiaridade é particularmente importante para o profissional de saúde que pode trabalhar estratégias de intervenção utilizando-se da rede de líderes ⁽⁴⁾. Muito embora constatada sua extrema necessária e funcionalidade, a rede de líderes comunitários pode tornar-se um problema, a depender do modo de atuação na comunidade. Nas situações em que se observa a determinação de prioridades bem como o poder de decisão e de consecução de melhorias/benefícios familiar e comunitário, concentrado inteiramente na figura de um líder, perde em autonomia essa comunidade, o que poderia caracterizar um efeito maléfico da rede de líderes comunitários ^(20, 21). Essa característica deve também ser considerada pelos profissionais que se proponham a intervir nas redes comunitárias, ou segundo a lógica dessas redes.

Importante nesse sentido é ter-se em mente que ao atuar em rede ou através delas (utilizando-se das redes existentes na comunidade) torna-se fundamental ao profissional de saúde evidenciar que, embora o objetivo da rede seja oferecer suportes de ajuda na resolução de determinado problema coletivo, cada um dos beneficiários das ações em rede deve tomar para si uma ação ou atividade que vise a contribuir, caracterizando assim seu apoio como nó nessa rede. Configura, desta forma, o profissional de saúde em agente da educação de pessoas para se auto-ajudarem e se apoiarem numa grande corrente que vise a melhor qualidade de vida de todos.

3.2.2 Rede de Gangues de Adolescentes como Exemplo de Rede Maléfica de Suporte Social

O estudo em desenvolvimento permitiu descobertas sobre uma segunda modalidade de rede, essa de enorme significado dentro da proposta de se conhecer a cultura de organização das famílias dentro da comunidade.

Como para realidade das demais áreas da grande Fortaleza, as famílias do Dendê sofrem com o sério problema da violência, em especial, a provocada pelas gangues que recrutam, cada vez mais, número maior de jovens para os seus quadros. Essas gangues atuam, em geral, com propósito de manipularem e dominarem a comunidade através do medo e da coação e, de certo modo, logram êxito nesse propósito; é o que revela a fala:

“A comunidade fica constrangida. Apavorada. Isola-se e tem medo de falar, porque é muito arriscado” (FCD, 15.01.2004).

Dispostos a tudo para conquistarem espaço dentro da comunidade, as gangues parecem não medir esforços chegando até a realizarem atos considerados graves do ponto de vista social e legal. As principais ações desenvolvidas por seus participantes são: assalto,

vandalismo e tiroteio, pichação dentre outras, trazendo conseqüências que desarticulam a convivência saudável da população. Alguns informantes confidenciam:

“Principalmente assaltos à mão armada feitos em supermercados, comércios em geral, às casas, até a associação já foi assaltada umas 3 vezes. Teve um período que eles estavam até cobrando pedágio, pra passar por aqui tinha que dar de cinquenta centavos até um real” (MLCL, 24.01.2004).

A formação de gangues exemplifica bem o que se convencionou chamar uma rede social de cunho maléfico. As redes não se configuram apenas como estrutura ou sistema de apoio, mas, a depender principalmente do propósito de seus integrantes, também podem revelar considerável potencial para destruição ⁽²¹⁾.

Nos casos específicos identificados na comunidade, tratam-se os integrantes da rede, em sua maioria, de jovens que vêm abdicando dos valores familiares, passando a cultivar a agressividade como única manifestação possível de força e de poder diante da sociedade. As gangues da comunidade do Dendê configuram-se como uma rede formada por jovens a partir de dez anos de idade, podendo às vezes envolver um adulto. Todos os participantes são da própria comunidade, como verifica-se na fala:

“Participam crianças de 10, 12, 13 anos que acham bonito e que começaram a se envolver com drogas e aprender a vida da criminalidade” (MLCL, 24.01.2004).

“Tem de adolescente até jovem adulto, vai de 13 a 30 anos, pois tem vezes que os pais também estão envolvidos” (ZMS, 24.01.2004).

É consideravelmente grande o número de gangues atuando na comunidade, bem como o número de componentes por gangue, o que permite caracterizar a rede. Informa um líder comunitário:

“Antes tinham seis subgrupos, mas não sei mais quantos existem. Não sei te informar o número exato de participantes em cada um deles, mas são em média 25 a 30 pessoas” (ACBD, 24.01.2004).

Ainda, no choque entre essas gangues é flagrante o instinto de destruição desses jovens, como destacam os informantes:

“Esses grupos entram em combate, geralmente, nos fins de semanas. Não querem saber quem está na frente, mas o combate mesmo fica entre eles. Quando se mete uma pessoa que não tinha nada a ver, aí sim, eles vão atrás

de fazer justiça com as próprias mãos” (ABCD, 24.01.2004).

Foi constatada ainda existência de casos em que jovens se uniram para formar gangues em virtude das constantes agressões sofridas. Seja na tentativa de defender-se e defender suas famílias, ou de delimitarem áreas de poder, as gangues vão criando marcas, estilos particulares de ação e até slogan. É o que afirma um informante:

“Tem uma gangue que é qualificada, que tem um nome próprio, a gangue da G. Outras duas não têm nome, a própria comunidade é que chama como a gangue da rua do Jucá e a gangue da baixada. Mesmo porque elas se formaram prá se defender da gangue da G” (MLCL, 24.01.2004).

A respeito dessa temática, não é errado afirmar que a falta de rede formal estruturada que melhor direciona toda potencialidade e energia do jovem, favorece a que eles passem a buscar formas alternativas de superação e sobrevivência, encontrando nas gangues o suporte necessário (poder, dinheiro, proteção etc). Corroboram essa assertiva falas como a que se segue, pronunciada por um líder comunitário:

“Eles se consideram uma família, então se mexerem com algum os outros tomam as dores” (JSS, 20.01.2004).

Segundo acredita uma líder comunitária, toda violência gerada pelas gangues tende a crescer ainda mais, devido exatamente à inexistência ou ineficácia de atuação das redes formalizadas que deveriam atuar junto aos jovens.

“Não vemos ação do governo nesse sentido. Tem uns que chegam dos presídios e não se vê interesse em reabilitá-los, em apoiar, qualificar (como oficinas para geração de emprego e renda) aí são descriminados e resolvem voltar pro crime, que é o único que os aceita. Eu acho que tem condições de recuperá-los, mas não existe nada sendo feito” (ACBD, 24.01.2004).

A conseqüência desse modelo que ora se configura no campo das comunidades de periferia, é que afetam diretamente na qualidade de vida das famílias dessas comunidades. Por outro lado, um dado positivo detectado é que diante da problemática vivenciada pelas famílias da comunidade há que se admitir um avanço considerável no campo da conscientização política e participação comunitária,

ampliando possibilidades de utilização de novos mecanismos como a organização de redes naturais de suportes sociais voltadas para o combate à violência local⁽¹⁵⁾.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desse trabalho, considera-se que as redes de suporte social constituem apoio, mas podem excepcionalmente significar perigo, mesmo quando seu propósito fundante for o de beneficiar. É o caso do apoio dado permanentemente de forma unilateral tornando dependente dele indivíduos ou até comunidades inteiras. Por isso, ao atuar em rede ou por intermédio delas, utilizando-se das redes existentes na comunidade, torna-se fundamental ao profissional de saúde evidenciar que, embora o objetivo da rede seja oferecer suportes de ajuda na resolução de determinado problema coletivo, cada um dos beneficiários das ações em rede deve tomar para si uma ação ou atividade que vise a contribuir, caracterizando assim seu apoio como nó nessa rede. Configura, desta forma, o profissional de saúde em agente da educação de pessoas para se auto-ajudarem e se apoiarem em uma grande corrente que vise a melhor qualidade de vida de todos.

Decorre desta afirmação que as redes informais de suporte social, somadas com o apoio de profissionais de saúde constitui forte estratégia para promover melhoras nas condições de saúde, frente às questões do cotidiano das comunidades.

Não deve, todavia, o profissional eximir-se de conhecer profundamente as redes informais a que se dedicar. Conhecidas essas redes em seus propósitos e estruturação, podem ser manipuladas no sentido da ampliação de suas potencialidades, ampliando o número de participantes ou as atividades que cada um desenvolve dentro delas, ou de reduzir efeitos não desejados e que prejudicam o bom andamento das atividades ou das relações intracomponentes. Ainda, a equipe de saúde pode apropriar-se das modalidades de estratégias desenvolvidas em rede pela comunidade, fazendo uso delas nas ações que necessita realizar para cobrir metas de saúde e de promoção da qualidade de vida para indivíduos, famílias ou mesmo a coletividade.

Todo o exposto como produto de investigação nos leva ainda a refletir o quanto a temática das “redes de suporte social” é rica em gerar dados que se reportam aos mais diferentes fenômenos sociais, requerendo que mais pesquisadores se debruçem sobre essa modalidade de investigação e de intervenção em sociedade como forma de explorar ao máximo suas potencialidades.

REFERÊNCIAS

1. Bloom JR. The relationship of social support and health. Soc. Sci. Med. 1990; 30(5):635-7.
2. Castro R, Campero L, Hernandez B. La investigación sobre apoyo social en salud: situación actual y nuevos desafíos. Rev de Saúde Púb Méx 1997; 31(4):425-35.

3. House J, Landis K, Umberson D. Social relationships and health. *Science* 1988; 241:540-4.
4. Andrade GRB, Vaitsman J. Apoio Social e redes: conectando solidariedade e saúde. *Ci Saúde Col* 2002; 7(4):925-34.
5. Braga SC, Cardoso LBAS, Resende MC. Satisfação com a vida e rede de relações sociais de idosos que vivem sós. In: *Anais do I Congresso Latino Americano de Psicologia*. São Paulo: ULAPSI, 2005.
6. Chor D, Griep RK, Lopes CS, Faerstein E. Medidas de rede e apoio social no estudo pró-saúde: pré-testes e estudos piloto. *Cad de Saúde Pub* 2001; 17(4):887-96.
7. Erbolato RMPL. Suportes sociais na velhice: uma investigação preliminar. In: *Anais do XIV Congresso Brasileiro de Geriatria e Gerontologia e III Encontro Nacional das Ligas de Geriatria e Gerontologia*; 2004 jun. 8-12; Salvador. Salvador: GERON, 2004. p. 108.
8. Erbolato RMPL. Relações sociais na velhice. In: Freitas EV, Py L, Neri AL, Cançado FAX, Gorzoni ML, Rocha SM. *Tratado de geriatria e gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan; 2002. p.957-64.
9. Neri AL. Envelhecimento e qualidade de vida na mulher. In: *Anais do 2º Congresso Paulista de Geriatria e Gerontologia*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2001.
10. Cohen S, Gottlieb BH, Underwood L. Social relationships and health. In: Cohen S, Underwood L, Gottlieb BH, Fetzter Institute, editores. *Social support measurement and intervention: a guide for health and social scientists*. New York: Oxford University Press; 2000. p.23-5.
11. Roth P. Family social support. In: Bomar PJ, organizador. *Nurses and family health promotion: concepts, assessment, and interventions*. Baltimore: Williams & Wilkins; 1989. p. 90-102.
12. Frota MA, Silva RM, Nations MK, Landim FLP, Monte CG, Varela, ZMV. Redes de suporte social: uma proposta educativa para a saúde comunitária. In: Barroso GT, Vieira NFC, Varela ZMV, organizadoras. *Educação em saúde: no contexto da promoção humana*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; 2003. p.85-101.
13. Landim FLP, Nations MK, Frota MA, Silva RM, Varela ZMV. Ética, solidariedade e redes sociais: na promoção da saúde. In: Barroso GT, Vieira NFC, Varela ZMV, organizadoras. *Educação em Saúde: no contexto da promoção humana*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha; 2003. p.71-84.
14. Cavalcanti PP, Fernandes AFC, Rodrigues MSP. Communication in the self-help group as a support in the rehabilitation of mastectomized women. In: *Anais do 8º Brazilian Nursing Communication Symposium*, 2002, São Paulo. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php> (27 mai. 2006).
15. Valla VV. Redes sociais, poder e saúde à luz das classes populares numa conjuntura de crise. *Interface: Com Saúde Educ* 2000; (4): 37-56.
16. Boyd ST. Base Conceptual par la intervencion de enfermeria com las familias in hall. In: Joanne E, Weaver BR. *Enfermeria em salud comunitaria: um enfoque de sistemas*. Washington: Organización Panamericana de la Salud, 1990.
17. Krause N, Borawick-Clarck E. Social class differences in social support among older adults. *Gerontologist* 1995; 35(4):498-508.
18. Ramos MP. Apoio social e saúde entre idosos. *Sociologias* 2002; (7):156-75.
19. Landim FLP, Araújo AF, Ximenes LB, Varela ZMV. Comunidade mutirante: características familiares e suas redes de suporte social. *Rev Bras Promoção Saúde* 2004; 17(4):177-86.
20. Gaspari VPP. Rede de apoio social e tentativa de suicídio. [dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas; 2002.
21. Santos FGG, Marcelino SMP. Internato de menores: que suporte social. [monografia]. Lisboa: Departamento de Clínica sobre Psicologia Comunitária do ISPA; 1996.
22. Silva AF, Silva VP. Nos limites do viver: moradia e segregação socioespacial nas áreas metropolitanas do Nordeste brasileiro. *Scripta Nova - Revista electrónica de geografia y ciencias sociales*, v.7, n. 146(129), 2003. Disponível em: [http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146\(129\).htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-146(129).htm). (18 jan. 2005).
23. Pordeus AMJ. Comunidade do dendê: um diagnóstico de suas famílias. *Ação Col* 1999; 2(4):33-36.
24. Foucault M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal; 1995.
25. Bott E. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1976.
26. Maffesoli M. *O tempo das tribos: o declínio do indivíduo nas sociedades de massa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense; 1998.